

# BLOCOS AFRO: HERANÇA CULTURAL AFRO-BRASILEIRA <sup>1</sup>

Avelina Nunes Viana de Jesus<sup>2</sup>

O presente trabalho é parte do Projeto Conceitual Básico para Implantação do Novo Setor do Museu Afro-Brasileiro: Setor de Herança Cultural Afro-Brasileira – que envolve alunos do curso de Museologia (UFBA) e História com Concentração em Patrimônio (UCSal). Diversos temas relacionados às questões de resistência, afirmação e identidade afro-brasileira são abordados no Projeto, sendo que nos coube investigar a participação dos blocos afro no carnaval.

## 1. METODOLOGIA

Elaboramos o levantamento bibliográfico do assunto, pesquisando em bibliotecas da cidade. As obras foram catalogadas, listadas por autor/obra, seguindo-se comentários acerca de tais itens. O trabalho foi produzido em etapas individuais e socializado em reuniões regulares. Após as reuniões, iniciamos a elaboração de uma síntese dos dados recolhidos, abordando os pontos principais, evidenciando a especificidade que cada curso se propõe.

## 2. BLOCOS AFRO

A participação da comunidade negra no carnaval de Salvador, a partir dos anos 1970, modifica-se, entre outros fatores, pela reorganização imposta por líderes comunitários oriundos de bairros periféricos como: Liberdade, Engenho Velho da Federação, Itapoã, Pelourinho, entre outros, que ao constituírem suas organizações carnavalescas vêm proporcionar aos organizadores da festa uma nova concepção do carnaval baiano. As mudanças no status social de parte da população negra ocorreram com a implantação da Petrobras e com a instalação do Pólo Petroquímico de Camaçari. Segundo Morales (1991), “[...] nesse contexto é que se processa a revalorização de parte da cultura negra, que irá desembocar na rentabilidade da ‘baianidade’.”

Durante a festa carnavalesca, os diversos segmentos sociais se fazem representar organizados em pequenos ou grandes grupos de foliões, que com a intenção de assumirem a festa se apresentam com determinados símbolos, através dos temas, músicas, roupas e alegorias predominantes.

A identidade dos baianos negros se constrói nas formas de vida ou estratégias de sobrevivência, como uma identidade marginalizada em relação aos direitos de cidadania. O processo de definição e redefinição de identidade social desta população contou com várias estratégias, que fizeram frente às imposições ideológicas e às restrições diretas e indiretas que impediam a integração econômica e a participação política do negro.

A cidade do Salvador, metrópole caracterizada por uma existência negra marcante em sua história, as organizações de controle sobre as manifestações étnico-culturais da população negra motivaram o desenvolvimento de respostas à dominação. O grupo negro impregnou a cultura baiana de seus usos, costumes e crenças; recorrendo à clandestinidade e ao sincretismo religioso, ocupando espaço público que a democratização da festa carnavalesca oferecia e aproveitando as gretas que a modernização das estruturas sociais apresentava.

Segundo Dantas (1994), Freitas (1996), Moura (1987) e Risério (1981), as entidades negras representadas pelos blocos, batucadas, afoxés e blocos afro foram surgindo à medida que os negros

---

<sup>1</sup> Relato de experiência de atividade de pesquisa desenvolvida no Museu Afro-Brasileiro, sob a orientação da Professora Dra. Joseania Miranda Freitas. CEAO / UFBA / MUSEU AFRO-BRASILEIRO. [joseania@ig.com.br](mailto:joseania@ig.com.br).

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de História do Patrimônio da Universidade Católica do Salvador – UCSal.

de Salvador delimitaram um espaço próprio no carnaval. Surgiram da inspiração africana e da afirmação ética do grupo. Criadas em forma de associações e grupos culturais, elas passam por um processo de transformação, saindo do caráter informal para o da indústria cultural. Os blocos afro se organizam em moderna manifestação cultural de negros e mestiços provenientes dos bairros populares de Salvador, com o princípio de afirmação de cidadania e reafirmação da herança africana. Para que os blocos afro pudessem atingir os meios de comunicação e se tornarem viáveis enquanto empresas de lazer, seus participantes tiveram que transformar o saber reelaborado acerca da história e das tradições culturais africanas em produto no mercado de bens simbólicos. Cada bloco representa um momento histórico diferente.

O primeiro bloco afro, o Ilê Aiyê, foi fundado no ano de 1974, quando Salvador iniciava mudanças na sua economia graças os novos empreendimentos no ramo industrial, a exemplo do Pólo Petroquímico de Camaçari. Até este período, no carnaval da Bahia existiam os blocos carnavalescos de classe média, de maioria branca, sem nenhum atributo étnico, assim como os afoxés mais antigos e tradicionais, de maioria negra, mas sem uma postura política ou racial explícita. Havia também os blocos de índios, formados na sua maioria por jovens negros e mestiços, que mesmo vestidos como índios americanos, tratavam de temas negros e indígenas brasileiros, tendo como fundamento “[...] a força latente do samba, símbolo maior da continuidade cultural negra no Brasil”. (GODI, 1991 p.62). Esses grupos eram perseguidos e sofriam forte repressão policial.

A década de 80 em Salvador foi marcada pela multiplicação dos blocos carnavalescos de características afro, que cada vez mais ganharam adeptos entre as camadas populares negras da cidade. Outros blocos de sucesso foram surgindo, como: o Olodum, o Malê Debalê, o AraKetu e o Muzenza.

## 2.1 Ilê Aiyê

O Ilê Aiyê foi fundado no Curuzu, na região da Liberdade, um dos bairros mais populosos de Salvador, de maioria negra e proletária, tendo como referencial o vínculo histórico com a África para uma construção de identidade negra e uma conscientização política para a população local. Foram os primeiros a manifestar sinais da consciência negra, procurando demonstrá-la através das roupas, dos cabelos trançados ou rastafari e, principalmente, da sua capacidade de organização.

O bloco cuidadosamente prepara a composição de suas roupas a partir de pesquisa sobre povos e regiões da África ou temas afro-brasileiros que representem a temática de cada ano no carnaval. Os cabelos aparecem amarrados em turbantes ou trançados de várias maneiras. Esses são os elementos que denotam a preocupação estética do grupo.

O bloco saiu à rua de Salvador pela primeira vez, no Carnaval de 1975, contrariando padrões seculares estabelecidos, um bloco só de negros, tendo por tema a canção “Mundo Negro”, que cantavam:

“Que bloco é esse  
que eu quero saber  
é o mundo negro  
que vamos mostrar pra você”.  
(*Ilê Aiyê*, de Paulinho Camafeu).

O Ilê Aiyê foi o primeiro bloco afro a lançar disco no mercado baiano, em 1984. A musicalidade do bloco se caracteriza pelo uso dos tambores percutidos por uma banda ou bateria que faz o samba duro, onde se insere a batida Ijexá, originária dos candomblés, que inspiraria uma variedade de ritmos percussivos, responsáveis pela ascensão da música afro-baiana.

Em 1995, o bloco Ilê Aiyê começou a desenvolver nas Escolas do Ilê (Escola Mãe Hilda e Escola de Percussão Banda Erê) e nas escolas públicas o Projeto de Extensão Pedagógica. Este projeto, idealizado e coordenado pelo Ilê Aiyê, fundamenta-se nos seguintes pressupostos:

- 1) que ao longo de 22 anos de atividades culturais e educativos o Ilê Aiyê produziu um extenso material informativo que pode ser utilizado em práticas educacionais;
- 2) que a utilização deste material, ao privilegiar o mundo cultural afro-brasileiro, torna o fazer educativo mais produtivo e mais próximo.

## 2.2 Olodum

Em 1979, um grupo de negros resolveu fundar um novo bloco afro nomeado Olodum, que em iorubá significa diminutivo de Oldumaré (Deus dos deuses). O grupo busca uma relação com a comunidade e os valores da negritude, a sua fonte de vitalidade. A identidade cultural, resgatada pelo grupo em suas músicas e discursos ideológicos, é apropriada do cotidiano da população local e devolvida a ela própria em forma de manifestações de cultura e cidadania.

Após uma crise, o Olodum se estruturou como grupo cultural, ampliando os seus objetivos e ações, passando a atuar em contato mais direto com a população, buscando resgatar a auto-estima da comunidade negra, historicamente marginalizada do contexto social.

O grupo cultural se divide na área musical: o bloco de carnaval com sua bateria de dezenas de músicos, a banda que grava os CDs e faz shows pelo Brasil e no exterior, e a Banda Mirim formada por crianças e adolescentes.

O Olodum possui a Escola Criativa, das primeiras séries do ensino fundamental que, além do currículo oficial, introduziu nos seus cursos a História dos Negros no Brasil e oferece um segundo turno de cursos paralelos de música, inglês, confecção de instrumentos musicais, sempre tendo como base a conscientização para a cidadania.

A presença cultural do Olodum é ainda enriquecida pelo *Bando de Teatro Olodum*, responsável pela montagem de peças, entre elas a “Trilogia do Pelô”, que traça um painel da Bahia contemporânea.

## 2.3 Malê Debalê

O bloco afro foi fundado em 23 de março de 1979 por um grupo de moradores de Itapoã que desejavam ver o seu bairro representado no carnaval de Salvador. Na dança e na música surge um elo forte com a tradição cultural herdada da cultura afro, mesclada com o viver popular e o mental coletivo contemporâneo de sua comunidade praieira.

O nome do bloco é uma homenagem aos Malês, negros muçulmanos, que lutaram contra o processo de escravidão, representando na Bahia uma resistência ativa. Eram altamente espiritualizados e intransigentes em seus princípios religiosos e temidos por suas mandingas. Revolta dos Malês (1835) ficou reconhecida como um forte exemplo de união dos escravos no Brasil.

O Malê Debalê, como afro-descendente, tem como referência a história da Revolta. Considera uma missão, não apenas contá-la, mas principalmente, se tornar um exemplo dessa história, seguindo e interferindo na sua cultura baiana com a mesma postura de resistência à dominação de seus ancestrais.

## 2.4 Araketu

Fundado em 1980, na Península Itapagipana, atualmente situa-se o subúrbio ferroviário de Periperi, reduto do bloco afro Araketu. Os elementos que dão forma ao Araketu (em iorubá, povo do reino de Ketu), em muito se assemelham aos do Ilê Aiyê. Também é possível notar no Araketu a influência do candomblé. Mantendo a tradição africana da inseparabilidade entre música e dança, os blocos afro recriam a dança dos Orixás.

O Araketu foi o primeiro bloco afro a mesclar o som de tambores com a instrumentação elétrica de guitarra, baixo, metais e sintetizadores.

## 2.5 Muzenza

O bloco afro foi fundado em 1º de março de 1981 com a discordância dos participantes do bloco afro Olodum, sediado no Pelourinho. O Muzenza passou pelos bairros da Ribeira e Massaranduba até fixar-se no bairro da Liberdade. A expressão Muzenza é de origem Bantu (Kikongo) e denomina o iniciado em candomblé Angola, equivalendo ao “iaô” dos nagôs.

Apesar do discurso de busca da identidade negra ser comum a todos os blocos afro, o Muzenza procurou particularizar-se. Os fundadores estabeleceram, desde a criação deste bloco, uma ligação mítica com os negros afro-jamaicanos, especialmente com o cantor Bob Marley, o ritmo musical reggae e a crença rastafari, então, sendo o ídolo dos jovens negros mestiços baianos.

Atualmente o Muzenza recebe cerca de 80 crianças e adolescentes para atividades educativas, orientadas por educadores do Projeto Axé, inclusive com inserção dos meninos e meninas de rua na banda e ala de dança. Uma parceria de integração entre o bloco e a sociedade.

## 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os blocos afro são organizações culturais, educativas e recreativas, e também entidades do movimento negro baiano, que através de suas músicas e discursos lança vários protestos dos negros contra o preconceito racial.

Portanto, a estética do bloco afro foi construída a partir da associação de fragmentos de ideários políticos e religiosos à realidade imediata dos jovens negros da comunidade de Salvador. Afirmando, assim, uma identidade específica do negro, que, em sua maioria marginalizado socialmente, passa a reconstruir uma história própria baseada no resgate da herança da cultura africana. Uma construção de identidade que não apenas comportaria o aspecto simbólico de criação de um espaço de liberdade, mas também através do qual alguma mudança se processa na participação política e econômica da coletividade negra de Salvador.

Por meio da pesquisa bibliográfica sobre Blocos Afro, percebemos que estes se organizam com uma manifestação cultural dos negros e mestiços dos bairros populares de Salvador, com o objetivo da valorização do negro (afro-descendente) e afirmação de identidade. São entidades que representam o trabalho educativo e cultural na comunidade de Salvador.

## 4. REFERÊNCIAS

DANTAS, Marcelo. **Olodum**. De bloco a holding cultural. Salvador: Grupo Cultural Olodum. Fundação Casa de Jorge Amado, 1994.

FREITAS, Joseania Miranda. Museu do Ilê Aiyê: um espaço de memória e etnicidade. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1996.

GODI, Antônio J. V. dos Santos. De índio a negro, ou o reverso. Caderno CRH (Suplemento). Salvador, CRH/FATOR. 1991.

MORALES, Ana Maria. Blocos Negros em Salvador: reelaboração cultural e símbolos de baianidade. Caderno CRH (Suplemento). Salvador, CRH/FATOR. 1991.

MOURA, Milton. Faraó, um poder musical. Caderno do CEAS (112) 10-29. Salvador. 1987.

RISÉRIO, Antônio. **Carnaval Ijexá**. Salvador: Corrupio, 1981.